



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E/OU CURSO DE GRADUAÇÃO
DE GEOGRAFIA LICENCIATURA**

MEYRE GOMES BARROS

**CONGOS DO CARMO, FÉ E DEVOÇÃO NA FESTA DE NOSSA
SENHORA DO ROSÁRIO**

PORTO NACIONAL, TO

2022

MEYRE GOMES BARROS

Congos do Carmo, fé e devoção na festa de Nossa Senhora do Rosário

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Porto Nacional para obtenção do título de bacharel/licenciado Geografia

Orientador (a): Valdir Zitzke
Coorientador (a): Valdir Zitzke

PORTO NACIONAL, TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

B277c Barros, Meyre Gomes .
Congos do Carmo, fé e devoção na festa de Nossa Senhora do Rosário . / Meyre Gomes Barros. – Porto Nacional, TO, 2022.
25 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Geografia, 2022.
Orientador: Valdir Aquino Zitzke

1. Congos. 2. Tradição. 3. Geografia Cultural. 4. Nossa Senhora do Rosário. I. Título

CDD 910

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Meyre Gomes Barros

Congos do Carmo, fé e devoção na festa de Nossa Senhora do Rosário

Artigo apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional Curso de Geografia Licenciatura foi avaliado para a obtenção do título de Congos do Carmo, fé e devoção na festa de Nossa Senhora do Rosário e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Valdir Aquino Zitzke

Prof. Dra. Mariléia Oliveira Bispo

Prof. Dra. Vera Lúcia Aires Gomes da Sillva

RESUMO

A festa de Nossa Senhora do Rosário, em Monte do Carmo, é permeada por inúmeras manifestações devocionais e, por isso, este estudo surgiu da necessidade de obter maior conhecimento envolvendo uma tradição considerada secular, a dos Congos, no contexto da festa. Tem por objetivo principal resgatar a cultura tradicional da congada na festa de Nossa Senhora do Rosário, tendo por finalidade compreender como a tradição é mantida de dedicação e devoção pelos congadeiros desde as gerações. Tendo como procedimentos metodológicos uma revisão bibliográfica sobre o tema e os fundamentos da geografia cultural e das religiões, e a realização de entrevistas aos congadeiros de Monte do Carmo - TO. Assim sendo, pode-se concluir que essa tradição dos congos possui uma matriz cultural afrobrasileira de caráter híbrido na sua apresentação que são passadas de geração em geração.

Palavras-chaves: Congos. Tradição. Geografia Cultural. Nossa Senhora do Rosário.

ABSTRACT

The feast of Nossa Senhora do Rosário is permeated by numerous devotional manifestations, and in view of this, the study emerged from the need for greater knowledge involving a secular tradition of the Congos in the festive context of the feast. In this sense, one of the pillars of this project is to value the cultural manifestations of Monte do Carmo – TO, directly linked to the devotion and lineage of the Congo in the festivity of Senhora do Rosário. Its main objective is to support and underpin the traditional culture of the congada in the feast of Nossa Senhora do Rosário in Monte do Carmo, in how the tradition is filled with love and devotion for the Congos in their entirety since the generations. Having as methodological procedures the execution of a thorough bibliographic review with topics such as cultural geography, which is one of the pillars for the production of this project, and an interview conducted by the academic of this project to the Congos of Monte do Carmo - TO. Therefore, it can be concluded that the traditional and festive journey of the Congos rescued a strong cultural matrix, with many signs of a rich culture in dance, singing and in the elaboration of the plot, and that tradition and devotion are passed from generation to generation.

Key-words: Congos. Tradition. Cultural Geography. Our Lady of the Rosary.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A GEOGRAFIA CULTURAL E AS FESTAS RELIGIOSAS.....	9
3 O SAGRADO SIMBÓLICO: UM CAMPO INVESTIGATIVO EM DISCUSSÃO	11
4 CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DA FESTA	13
5 FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	14
6 CONGOS: ORIGEM E REPRESENTAÇÃO NA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	15
7 CONGOS DE MONTE DO CARMO: SIGNIFICADO E IMPORTÂNCIA	17
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	23

1 INTRODUÇÃO

A religiosidade de modo geral, é um fator predominante na vida de determinada população, onde se faz necessário que a geografia cultural pode se fazer mais presente. A religiosidade popular reúne crenças, práticas, rituais, narrativas e símbolos originários de fontes culturais para agregar uma determinada população.

As festas religiosas são fundamentadas na fé e na tradição de uma sociedade e a grande parte delas é feita na esfera da tradição católica. A tradição é um resgate da cultura que é vivida ano após ano, e, para isso, a memória é importante para o resgate da ancestralidade trazendo-a para a modernidade. Para entender esse movimento, a geografia cultural oferece um acervo intelectual amplo e diversificado, que é o foco desta pesquisa.

A festa de Nossa Senhora do Rosário em Monte do Carmo é uma tradição com raízes africanas e se compõe de muitos ritos, abrigando uma diversidade de práticas culturais e atos de devoção e fé, sendo os Congos um destes ritos mais evidentes.

Congo, Congada ou Dança dos Congos, de acordo com diferentes estados brasileiros, é de origem africana e representa a resistência dos negros, sendo uma dramatização de uma luta simbólica travada entre dois reinados africanos.

Esta pesquisa tem como objetivo verificar o grau de entendimento e de pertencimento dos Congadeiros em relação a Tradição dos Congos na festa de Nossa Senhora do Rosário em Monte do Carmo.

Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, seguida de uma pesquisa de campo e justifica-se por abordar uma temática de grande significado cultural e religioso dentro de um Festejo regional de caráter cultural e religioso que acontece em Monte do Carmo, estado do Tocantins.

2 A GEOGRAFIA CULTURAL E AS FESTAS RELIGIOSAS

As festas religiosas são relevantes aos estudos da geografia cultural, por serem produzidas e produtoras de uma rede de significados que manifesta os sentidos da própria cultura, pois segundo afirma Almeida (2009, p.259),

Desde o início da década de 1990, os estudos com abordagem na geografia cultural têm sido fecundos com as representações de “outros” lugares e paisagens. Sem dúvida, são ricos e desafiadores os cenários futuros para aqueles que estão investigando os mundos culturais.

Esses mundos culturais são construções simbólicas das pessoas que deles participam como fiel, devoto, visitante, organizador entre outros, dando-lhes sentidos e significados. Na visão da geografia cultural a festa promove a reconstrução de ‘outros’ espaços e tempos, os festivos, que são carregados de significados e de sentidos contrários aos tempos do cotidiano (SILVA e D’ABADIA, 2014).

Para Almeida (2008, p.44), a compreensão desse campo interpretativo da geografia cultural na atualidade permite “discutir de forma mais ampla as maneiras como os artefatos materiais são apropriados e como os seus significados transformados”. Essa percepção confirma a importância da análise da ordem simbólica das manifestações, uma vez que essas dão sentidos ao lugar por meio de um sistema de linguagem estabelecido pelos signos produzidos e estes se traduzem em símbolos territoriais de pertencimentos.

A dimensão constituída pelo sentimento de pertencimento constrói uma liga que se dá territorialmente, criando uma identidade territorial e se torna, para a geografia, um campo específico de análise, o qual é produzido pela festa, pelo habitante e o lugar, por meio dos símbolos territoriais (DI MÉO, 2001).

As festas religiosas como produtoras de símbolos territoriais se apresentam com uma ordenação rígida controlada pelo grupo religioso que a propõe e marca, simbolicamente, a presença muito viva de uma hierarquia em nome do sagrado (SILVA e D’ABADIA, 2014).

Para o caso brasileiro, em determinados contextos históricos, as festas religiosas católicas possibilitaram marcas identitárias que se institucionalizaram a partir do governo português e da Igreja no período Colonial. Temos como exemplo o culto aos santos padroeiros como uma das principais marcas de vínculos territoriais que, em sua estrutura e diretriz conseguiram garantir um calendário anual de

festividades de santos interligando praticas auríferas, pastoris e agrárias (D'ABADIA, 2010).

A autora explica que essa condição foi expressa na fundação das vilas e arraiais que nasceram protegidos pelos inúmeros santos católicos. Muitas cidades tiveram suas denominações ligadas ao padroeiro, algumas modificando de nome, outras perpetuadas até hoje com essas designações.

Pela especificidade e pelo isolamento de outras influências culturais em função da distância, as festas religiosas católicas em Goiás e, especialmente, no norte goiano, confirmam o quanto a formação cultural do povo foi relevante para o surgimento e manutenção destas festividades (D'ABADIA, 2010), a exemplo da Festa de Nossa Senhora das Mercês, objeto deste estudo.

Nas festas religiosas católicas dos municípios brasileiros observa-se a explicitação efetiva da fé e da devoção, criando um clima propício para uma “nova” configuração ao lugar que sai de sua rotina para viver um tempo festivo, e se torna um “produto da realidade social [...] seus conflitos, suas tensões, suas censuras, ao mesmo tempo em que atua sobre eles” (GUARINELLO, 2001, *apud* BEZERRA, 2007).

3 O SAGRADO SIMBÓLICO: UM CAMPO INVESTIGATIVO EM DISCUSSÃO

Atualmente o mundo representado pelas subjetividades ganhou corpo teórico na geografia a partir de enfoques que tratam dos espaços de vivência, de experiência e de representação, sobretudo, as simbólicas.

Em termos de concepções teóricas, o sagrado foi/é interpretado na história por alguns aspectos *sui generis*. Para Gil Filho (2008, p.28), “o resgate do sagrado é a tentativa de encontrar o âmago da experiência religiosa”, o que promove uma ligação direta entre o ser religioso e sua prática. Portanto, a dimensão religiosa coloca-se em um cenário cultural onde a manifestação do sagrado se impõe e aparece a partir de dinâmicas espaço-temporais.

A partir disso, deduz-se que essa visão do sagrado é entendida como uma forma de conhecimento sobre o mundo e que se posiciona como expressão alternativa à razão e como uma possibilidade de interpretar o significado de cada realidade. Então, o sagrado localiza-se entre a racionalidade dos materiais simbólicos e a irracionalidade do sentimento religioso (GIL FILHO, 2008).

Nessa linha de raciocínio, o sagrado é entendido como forma e conteúdo de uma determinada cosmovisão e de seus eventos nos diversos planos subjetivos e objetivos. É o rito que, colocado no centro da concepção do sagrado, vai garantir essa ambivalência presente na prática do sagrado e que vai tornar-se a própria ocorrência do princípio hierofânico. Rosendahl (2002, p 27) afirma que “o ser humano, ao aceitar a hierofania, experimenta um sentimento religioso em relação ao objeto sagrado [...] uma disponibilidade ao divino”. Assim, o sagrado existe para quem dele participa e experimenta.

A partir desse entendimento propomos uma é possível propor um enfoque em que se analise o surgimento de uma dualidade na construção do espaço em seu sentido hierofânico: de um lado, a vivência dos entes religiosos vai construir um espaço sagrado, carregado de hierofanias e sentimentos religiosos e, de outro, entendido como entorno, outro espaço, mas em oposição, o espaço profano (ROSENDAHL, 1997).

As festas religiosas católicas propiciam a ocorrência dessa dupla espacialidade que se funde e se mistura em determinados contextos espaciais e temporais. As festas dos santos padroeiros se constituem numa intrincada

representação simbólica de tempos e espaços sagrados e profanos. O espaço da festa se traduz na convergência e na coexistência de múltiplos significados produzidos pelo ser religioso.

Para Eliade (1999), toda festa religiosa constitui a reatualização de um acontecimento sagrado que se originou em um passado mítico. A vivência da festa religiosa permite ao ser uma breve saída do tempo e do espaço profano e a sua admissão nas dimensões que assinalam os sentidos míticos sagrados.

A Geografia Cultural nasceu no fim do século XIX, no mesmo momento em que a Geografia Humana onde, para alguns geógrafos, ela se importava com a cultura material dos grupos humanos: as suas ferramentas, as suas casas, a sua maneira de cultivar os campos ou de criar animais. O seu desenvolvimento permanecia lento até os anos 1970, quando alterou sua perspectiva e direcionou seu interesse pelas imagens mentais, as representações, o simbolismo, as identidades (CLAVAL, 2011).

4 CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DA FESTA

Monte do Carmo, no estado do Tocantins, conta com uma população estimada em 7.000 habitantes e está localizado na região central do estado, distante 89 km da Capital, Palmas. Cidade pouco povoada mais carregada de manifestações religiosas que lhe torna peculiar e alvo de pesquisas, como esta, que se propõe a resgatar a cultura tradicional da congada na festa de Nossa Senhora do Rosário, tendo por finalidade compreender como a tradição é mantida de dedicação e devoção pelos congadeiros desde as gerações.

Durante sua existência, a cidade passou por várias nomenclaturas. De 1936 a 1937 recebeu o nome de Nossa Senhora de Monte do Carmo; tempos depois com o decreto Lei Estadual nº 1233 retoma ao antigo nome, Carmo. Já em 1943, a partir da Lei Estadual nº 8305, recebe o nome de “Tairuçu”, contudo, a população não aprovou essa nomenclatura e voltou a se chamar Monte do Carmo, em 23 de outubro de 1963, conforme Lei Estadual nº 4708 (PREFEITURA DE MONTE DO CARMO, 2019).

Monte do Carmo possui um grande acervo de festas durante o ano, sendo uma das cidades do Tocantins com maior número de atrativos culturais que proporcionam uma vivência cultural e de devoção e fé.

A cidade possui a igreja de Nossa Senhora do Carmo, padroeira, está situada na praça da matriz da cidade, sendo ponto de encontro cultural e religioso e, por isso, de torna o centro das festividades da cidade, como a Festa de Nossa Senhora do Rosário, que é rica em aspectos religiosos e culturais, e que movimenta a cidade e os fiéis para os atos de devoção e fé a Senhora do Rosário.

A pesquisa será direcionada aos Congadeiros, dançadores dos Congos, que fazem o cortejo da Rainha da Casa da Rainha até a Igreja para a Missa Solene, fundamentais para o espetáculo da Festa.

5 FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

A festa é realizada duas vezes por ano na cidade, sendo a primeira, em julho nos dias 17 e 18 de julho, e a segunda em outubro com uma data móvel mais próxima do dia de Nossa Senhora do Rosário, que é dia 07 de outubro, a festa é tradicional com muita cantiga e louvor a Senhora do Rosário. No mês de julho, esta festa integra os Festejos do Carmo, popularmente conhecido o período de festas para Nossa Senhora do Carmo, Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Rosário, na ordem, que lhe conferem maior visibilidade e participação de visitantes de outras cidades e estados. A segunda, em outubro, tem características mais locais, com a participação dos devotos locais e das cidades próximas.

Rosário significa “coroa de rosas”. Foi definido por São Pio V como “um modo muito piedoso de oração, ao alcance de todos, que consiste em ir repetindo a saudação que o anjo fez a Maria; intercalando um ‘Pai Nosso’ entre cada dez ‘Ave Marias’ e tratando de ir meditando enquanto isso na vida de Nosso Senhor”. MATOS (2018).

Silva (2011) afirma que o Papa Pio V, que era da Ordem dos Dominicanos, recebeu de Nossa Senhora a revelação de que os católicos venceriam a batalha contra os muçulmanos por meio da oração do Santo Rosário. O Sumo Pontífice pediu, então, que toda a Igreja Católica, inclusive aqueles que participariam das batalhas, rezasse, com fé e devoção, o Rosário. Vencida a batalha no dia 7 de outubro de 1571, o Papa instituiu esse dia em louvor de Nossa Senhora do Rosário (ARAÚJO, 2000).

Segundo Matos (2018), a festa é organizada em atos, sendo eles: a chegada da rainha, a visita da rainha, o levantamento do mastro, a caçada da rainha, a rainha velha buscando a nova, a coroação da rainha, a entrega da festa e a guarda da rainha que é feita pelos Congos. Estudar a geografia do sagrado durante a manifestação da fé e devoção dos fiéis permite conhecer o espaço sagrado da festa e suas espacialidades (ZITZKE, 2018).

6 CONGOS: ORIGEM E REPRESENTAÇÃO NA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Estudando a congada Souza (2002) procurou apreender o que há de africano na congada entendendo-a como resultado da fusão das culturas africanas e da cultura ibérica que, num cenário de dominação, causou manifestações culturais mistas ou híbridas.

É a proximidade com a raiz africana que confere autenticidade aos congos ou congados e legitimam a dança, exaltando a sua origem africana nas missas e nas festas religiosas. Esta perspectiva que valoriza a raiz africana pode ser considerada uma tentativa de inverter a posição social subalterna ocupada historicamente pelo negro nas Américas, tornando os afrodescendentes dominantes em relação aos brancos, em virtude da sua cultura anterior (GILROY, 1993). Para Costa (2006, p.42):

A valorização do descendente de escravo através da congada, por outro lado, não sugere uma inversão social, mas uma tentativa de valorizar os seus participantes situando-os durante as festas numa posição mais igualitária e menos assimétrica perante o resto da cidade.

Os congadeiros buscam, de acordo com Reis (1998, p.12), “a aceitação e o reconhecimento público da sua forma singular de louvor, mas não pretendem com isso realizar uma ruptura com a ordem estabelecida, nem a inversão da sua hierarquia”.

Neste caso, o catolicismo se tornou importante instrumento de controle e dominação sobre os escravos e também sobre toda a população colonial. A Igreja Católica torna-se parte principal da religião compartilhada pelos negros e escravos promovendo a emergência da devoção a São Benedito, Santa Efigênia e, principalmente, a Nossa Senhora do Rosário, a quem os congadeiros expressam seu louvor.

O catolicismo se tornou, assim, o principal espaço utilizado pelos descendentes de escravos para manifestar sua fé e ligação com o divino, chegando a incorporar nas devoções aos santos católicos, práticas que tinham origem no cativo e que eram denominadas de feitiçarias. Nesse contexto, Nossa Senhora do Rosário não foi associada a uma divindade africana ou orixá (COSTA, 2006).

A congada emerge do catolicismo popular, e não do oficial, escapando do controle da Igreja, além de estar carregado de elementos mágicos que permitem ao devoto interceder diretamente à divindade, dispensando a mediação de um sacerdote (COSTA, 2006).

No contexto geral dos congos no Brasil, é uma manifestação de cunho cultural e religioso, onde se prestam homenagens a Santos católicos, dependendo da região. Os congadeiros ou congos, como são denominados na cidade, são figuras alegres, espontâneas, mantêm a origem africana do ritual, alguns elementos materiais funcionam como fetiches, como as penas na coroa, centralizando o poder e a força sobrenatural. São eles que puxam os dançantes em movimento rápido, abrindo caminho (SILVA, 2001).

O congo é visto como tradição, fé e devoção, e na Festa os congadeiros formam duas filas em pares com doze homens que dançam e cantam para a rainha no segundo dia da festa. Vestidos com roupas coloridas e carregando instrumentos confeccionados por eles mesmos, como pandeiro, caixa, reco-reco, entoam cânticos que se repetem e dançam ritmadamente, com passos laterais, manifestando sua fé. As roupas ou uniformes dos congadeiros variam a cada ano, ficando a critério da Rainha, uma vez que ela que é a responsável por isso.

No dia da Missa da Rainha, no segundo dia da festa, pela manhã, os congos buscam a rainha na Casa da Festa com o objetivo de leva-la a Missa, guardando-a dos perigos. Antes, porém, os congos tomam café com a rainha e entoam cânticos convidando-a a *visitar Nosso Senhor* (a igreja). Para Bosi (1981, p.28):

A linguagem do Congo expressa a religiosidade e a vida mais recente do grupo de homens, através dos cantos que lembram cantigas dos antepassados, como rodas de folia, a história de guardas visitantes e as brincadeiras ou bizzarrrias. A estrutura do canto é fixa, limitando-se às improvisações, as danças ritmicamente, com evolução em filas e passos laterais para frente e para trás, indo e voltando para a rainha e as pessoas que veem a festa.

Deste modo, os congos guardam a realeza dentro da festividade, marcando as raízes africanas com organização, tradição e fé (MATOS, 2018).

7 CONGOS DE MONTE DO CARMO: SIGNIFICADO E IMPORTÂNCIA

Para entender o significado do congadeiros e como ele se reconhece no contexto da festa de Nossa Senhora do Rosário em Monte do Carmo, foi organizado um roteiro de entrevista com nove perguntas, que foram feitas a oito congadeiros que se apresentam regularmente nas festas.

Cada congadeiro respondeu a entrevista de acordo com a sua vivência, com a liberdade para se expressar. O mesmo roteiro foi utilizado para entrevistar o Padre da cidade. O roteiro se constituiu das seguintes perguntas:

- 1) Qual é o seu nome? (Iniciais do nome)
- 2) Quantos anos você tem?
- 3) Você mora em Monte do Carmo?
- 4) Tem idade certa para participar dos congos?
- 5) Quantos anos você participa dos congos?
- 6) Você conhece a história dos congos?
- 7) Porque você entrou nos congos?
- 8) Qual a importância para você de ser um congadeiro?
- 9) O que representa para você os congos na festa de Nossa Senhora do Rosário? ,

Em seguida à entrevista, foi elaborado um texto único, a partir das respostas de cada entrevistado, de forma a verificarmos a importância que cada um dá à sua função como congadeiro e à tradição dos Congos na festa.

Congo 1: Me chamo J.C., tenho 45 anos de idade, nascido e criado em Monte do Carmo, não tem idade certa para ser congo, depende mesmo, de cada pessoa. Se gostar e ter essa vocação de ter fé muita gente participa uma vez por curiosidade e acaba ficando, pois é muito bom, prazeroso e muito respeitado. Participo há 20 anos, é uma dança africana que veio para cá através dos escravos e fizeram essa melodia para celebrar a nossa senhora dos rosários onde surgiu os congos e as taieiras através dessa dança africana. Entrei para a festa dos congos porque meu pai era um congo e dois irmãos já participava, então fui criando amor pela dança e de achar muito bonito resolvi participar, também por fazer parte da cultura do festejo do monte do Carmo e para festejar nossa senhora do rosário. A importância que

tenho de ser um congo é que eu festejo e tenho fé e amor pela nossa senhora e também para contribuir com a cultura dele a cultura local. Representa, pois, porque os congos estão sempre presentes, perto do rei e da rainha, ajudando, presente cantando, animando junto com as taieiras, pois uma festa de nossa senhora do Rosarinho sem os congos a festa fica faltando algo. A participação nossa e de suma importância.

Congo 2: M.R.C. tenho 25 anos, nasci em Monte do Carmo e me criei e formei aqui, comecei a participar da festa dos congos com há mais ou menos 15 anos, não conheço a história dos congos, mas sempre participei por devoção. Eu participo a pedido do seu pai que era um membro do grupo, quando ele não pudesse dançar mais ela dançaria por ele como taeira. Representa muito porque é o congo e as taeira que anima a festa e vai buscar a rainha na casa dela e levar até a igreja cantando, animando as ruas é uma participação muito importante.

Congo 3: A.C.O. de 49 anos de idade, sempre morei em Monte do Carmo, participa da festa do Carmo com 22 anos, não conheço a história em si, mas sei que a festa veio de origem africana. Entrei na festa por achar bonito e cresceu vendo sua família dançando, então tem um grande amor e muita fé. Ser congo representa pra mim como peça principal da festa a cultura e a fé.

Congo 4: J.M.O.C. de 56 anos de idade, sempre morei em Monte do Carmo, e sempre gostei das festas da cidade, sou congo há mais de 30 anos, eu entrei quando tinha só 16 anos, e sempre gostei, mas eu não conheço a história dos congos, eu entrei porque é bom tem danças, se acostumou e não saiu mais. Pra mim a festa em ser congo é muito gratificante, pois reconheço nas danças fazendo parte da cultura da minha cidade que eu amo demais.

Congo 5: F.C.O. tenho 31 anos de idade, sou de Monte do Carmo, já fui embora para outras cidades, mas voltei pelo amor que tenho a essa cidade, sou congo por incentivo e ver meus familiares indo, tenho quase 10 anos que sou congo e gosto muito das danças e de fazer

parte da alegria do cortejo, não conheço totalmente a história mas, meus familiares sempre me contaram, a festa do congo representa pra mim uma maneira de ajudar na tradição e estar em comunhão com os irmãos, e fazer parte da festa, o amor que é passado na folia de ser congo é gratificante também pra Nossa Senhora do Rosário.

Congo 6: D.L.S. 65 anos de idade, e sempre morei em Monte do Carmo, sou congo há quase 50 anos, conheço muito a história dos congos, sua raiz africana, mas tem muita dança que combinamos na hora também, antigamente os ensaios eram feitos de forma disciplinar, hoje em dia todo mundo já pegou o jeito. Pra mim a festa do congo é mais que uma experiência de amor, é uma tradição que vou ter sempre comigo, é um amor que tenho pelas festas do Carmo.

Congo 7: S.S.P, tenho 68 anos de idade, sou daqui mesmo de Monte do Carmo, e tenho um amor muito grande por ser congo, tenho 28 anos que faço parte das danças, infelizmente tive uma doença em 2019 e fiquei mais debilitando de dançar, mas fui mesmo assim pra assistir meus amigos, a festa pra mim representa mais que amor, conheço muito a história de ser congo e das festas, é uma tradição que sempre gostei, pois dançar era bom demais e estava entre amigos, e também sempre fui devoto de Nossa Senhora do Rosário.

Congo 8: V.B.S, tenho 34 anos, sempre morei em Monte do Carmo, mas hoje moro em Porto Nacional, dancei por 6 anos na festa dos congos, não danço mais hoje pois não estou em Monte do Carmo, mas sempre quando vou gosto de ver e sempre me emociono, conheço a história muito bem, eu fazia parte do grupo de teatro da cidade e sempre me interessei por essas questões culturais de Monte do Carmo, sentia muita gratidão, pois minha avó dele sempre foi a taieira e me emociona muito falar disso, a festa pra mim representa mais que um ato de dança, mas um ato de amor em passar pelos cantos e danças o nosso afeta pela festa.

Páraco: Sou Padre Jackson Sousa da Silva, conheço a festa dos congos pela misericórdia de Monte do Carmo em suas tradições há mais de 10 anos, não conheço a história completa em si, mas conheço

o que leio e pelas histórias que eles contam, que são belíssimas, sinto que serve de espelho para outras crianças, e a cultura de um povo não pode morrer, mesmo sabendo que infelizmente a maioria é idoso e infelizmente a procura é pouca, eu acho as danças dos congos e taieiras são lindas demais, fazem parte da raiz da de monte do Carmo, e é uma manifestação muito bonita em monte do Carmo, que incendeia a festa, que dá motivo de alegria para o cortejo de nossa senhora do rosário, e é uma divindade.

Pelas respostas, foi possível analisar de forma sistemática, que o grupo de Congos se considera um elemento fundamental dentro da festa de Nossa Senhora do Rosário, em diversos aspectos e formas.

Verifica-se um sentimento de pertencimento dos congadeiros no cortejo, no reinado, nas suas danças e nos cantos. Manifestações de gratidão por participarem da festa e, também, a manutenção dessa tradição, que se mantém por gerações.

Mesmo desconhecendo a origem dos Congos, os congadeiros se sentem inseridos na história da festa por representarem um momento importante num ato de devoção e fé.

As singularidades culturais dos Congos em Monte do Carmo estão diretamente relacionadas à religiosidade e devoção, através das formas de expressão corporal, dos cânticos, das roupas coloridas que alegrem o cortejo.

Para eles, mais que um espetáculo, a raiz dessa manifestação é a fé e a devoção à Senhora do Rosário e, portanto, precisa ser mantida pelas próximas gerações, também, como parte da cultura religiosa local.

Ser congo significa ir além das danças e dos cantos, é um ato que está inserido na história carmelitana, se fortalecendo com o passar do tempo que pode ser traduzida como um ato de amor e gratidão.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A festa de Nossa Senhora do Rosário é uma tradição mantida desde o tempo dos escravos e que se compõe de cortejos, coroação da rainha e do rei, caçada da rainha, danças típicas, cortejo de congos e taieiras, tradicional café com bolo, carregada de elementos culturais e religiosos.

Deste modo, a festa de Nossa Senhora do Rosário se torna mais rica com o engrandecimento das danças dos congos e como eles por meio de sua fé e devoção se mostram movido para estarem diante da festa, por toda tradição que rege essa festa.

A intensão das entrevistas é conhecer mais como a fé e devoção dos congos servem de contexto científico para entender mais sobre a festividade e da tradição da festa de Nossa Senhora do Rosário em Monte do Carmo – TO, e de como essa tradição se mantém até os dias de hoje, como começou, quem foi precursores, e quais eram as formas iniciais da festa da cidade, como eles conheceram a festa. Ademais a intenção da entrevista além disso é conhecer também a festa e dar embasamento para fins acadêmicos desse projeto acadêmico.

A entrevista contou com 9 indivíduos, sendo eles 8 congos, e o Páraco da cidade, onde diante da análise das entrevistas dos congos, é possível analisar que os congos em sua maioria são romeiros da festa de Nossa Senhora do Rosário, e participam da festa por devoção, fé e pela tradição de manter viva as danças e cânticos, muitos não conhecem a história real de como iniciou a festa, ou na sua maioria, conhecem o que foi passado pelos seus antepassados.

Na sua maioria, os congos já possuem uma idade mais avançada, residem em Monte do Carmo – TO, participam efetivamente da festa todos os anos, e garantem que essa tradição seja mantida viva, e mais ainda que desejam passar adiante. Ademais, uma das preocupações é que muitos com idade avançada com o passar de mais alguns anos não vão conseguir dançar, o que para muitos também é uma preocupação da tradição um dia acabar pela falta de adesão dos jovens.

Diante disso, existe algo que une todos os congos, que é a fé, a força que os mesmos têm para ir adiante com a festa, levar a tradição para as pessoas que participam da festa.

Foi possível verificar que alguns deles conhecem um pouco da história dos Congos e estão em alegria com os demais, e aqueles que desconhecem por total a

história, participam pelo amor que tem as raízes, pela descendência ou pelo afeto em traduzir nos passos da dança o amor pela cultura e tradição.

A dança se converte em um ato de amor e devoção, onde o laço de união dos Congos é majestoso e forte pela divindade da festa e como isso é uma feitoria fiel para as festas de Monte do Carmo,

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. G. Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da geografia cultural. In: Geonordeste. Núcleo de Pós-graduação em Geografia. Universidade Federal de Sergipe. São Cristovão-SE. Ano XIX, n.1. jul/2008.
- ALMEIDA, M. G. Geografia Cultural: contemporaneidade e um flashback na sua ascensão no Brasil. In: MENDONÇA, F; LOWEN-SHR, C.L; SILVA, M (orgs.) Espaço e tempo. Complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico. Curitiba. ADEMADAN, 2009.
- ALMEIDA, M. G. Festas Rurais e Turismo em Territórios Emergentes. 2011. <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-919.htm>
- ALMEIDA, M. G.; MUNDIM, M. A.; MENDES, G. F.. Territórios, Paisagens Representações: um diálogo em construção (territories, landscapes and representations). Revista Mercator, Fortaleza; v. 10, n. 22, p.23-35, mai./ago, 2011.
- ARAUJO, Alceu Maynard. Documentário folclórico Paulista, 47-49. São Paulo – SP. 2000.
- BORGES, P. Religiosos en Hispanoamérica. Madrid: Ed. Mapfre, 1992,
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O Divino, o Santo e a Senhora. Rio de Janeiro.
- CLAVAL, P. A Geografia Cultural. Florianópolis, Editora da UFSC, 1999.
- CLAVAL, P. Campo e perspectiva da geografia cultural. Trad. Márcia Trigueiro. In. CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z.(orgs). Geografia Cultural: um século (3). Rio de Janeiro, EDUERJ, 2002.
- CLAVAL, P. C. C. Geografia Cultural: um balanço. Geografia, Londrina, v. 20, nº 3, p. 5-24, set./dez. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/14160/11911>.
- SILVA, Marinalva Regos Barros. Escrevendo história e salvaguardando a festa de nossa senhora do rosário: Monte do Carmo, Tocantins. Monte do Carmo: PRÊMIO MESTRE DIÓ 2011, de Apoio A Grupos de Culturas Populares, 2011. 34 p.
- COUTINHO, S. R. Frei Theodósio da Veigas e José Lopes Espínola; missionários do Rio Urubu (Amazônia - séc. XVII).
- CURADO, J. G. Apontamentos sobre os negros em Meia Ponte nos séculos XVIII e XIX. VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar. Universidade Federal do Piauí – UFPI Teresina – PI, 2012. Disponível em <http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Joao%20Guilherme%20da%20Trindade%20Curado.pdf>, Acessado em 31/03/2017.
- CURADO, J.G. da T. & LÔBO, T. C. A híbrida religiosidade negra nos festejos do Reinado e Juizado em Pirenópolis-GO. Texto apresentado no V Simpósio

Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil: Fronteiras em Movimento: África – Brasil – Caribe. Salvador, Bahia. Set/Out – 2008.

D'ABADIA, M. I. V. Diversidade e Identidade Religiosa: uma leitura espacial dos padroeiros e seus festejos em Muquém, Abadiânia e Trindade-GO. 260 f. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Estudos Socioambientais, UFG, Goiânia, 2010. Disponível em, https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/2737?locale=pt_BR Acessado em 18/04/2017.

DA MATTA, R. O que faz o brasil, Brasil?. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Rocco Ltda., 1986.

D'ABADIA, M. I. V. Louvação e Proximidade: as festas de padroeiros fora do Brasil. Boletim Goiano de Geografia, v. 30, p. 93-105, 2010.

DI MÉO, G. Geographie Sociale et territoires. Paris: Nathan, 2001. 320p.

DI MÉO, G. La Géographie em Fêtes. Paris, Ophrys, 2001.

ELIADE, M. Tratado de História das Religiões. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

ELIADE. O sagrado e o profano. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo. Martins Fontes, 1999.

FABIO, G. As ordens religiosas e a construção sócio-política no Brasil: Colônia e Império. Tuiuti: Ciência e Cultura, n. 46, p. 63-78, Curitiba, 2013. Disponível em. <http://www.utp.br/tuiuticienciaecultura/ciclo_4/tcc_46_programas/pdf_46/art4_as_ordens.pdf>, Acessado em 22/03/2017.

FUNARTE, 1978, 163p. A Geografia e o Sagrado: Festa de Nossa Senhora do Rosário em Goiás Mary Anne Vieira Silva & Maria Idelma Vieira D'Abadia. 2012, Ateliê Geográfico - Goiânia-GO, v. 8, n. 3, p.198-214, dez/2014.

GIL FILHO, S. F. Espaço Sagrado; estudos em geografia da religião. Curitiba, IBPEX, 2008.

GIL FILHO, S.F. et all. Identidade religiosa e Territorialidade do Sagrado: notas para uma teoria do fato religioso. In: Corrêa, R.L. ROSENDAHL, Z (Orgs) Religião, Identidade e Território. Rio de Janeiro. EDUERJ, 2001.

LÔBO, T. C. A Singularidade de um Lugar Festivo: O Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito em Pirenópolis. 152 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Instituto de Estudos Socioambientais, UFG, Goiânia, 2006.

MATOS, Elvanir Gomes. O Rosário dos Congos na Festa do Carmo. Porto Nacional – TO. 2º Ed. Pote. 2018.

MENEZES, P. D. L. de. Gestão Turística e Questões Culturais. In: Turismo - Visão e Ação. Itajaí, vol. 6, n.1 p.115-124, jan/abril 2004, Disponível em <http://www6.univali.br/seer/index.php/rtva/article/viewFile/1057/866>, Acessado em 18/04/2017.

REIS, A. C. F. A Conquista Espiritual da Amazônia, São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1942, p. 28. Para uma pequena sùmula dos mercedários no Pará e no Maranhão ver p.28-33.

ROSENDAHL, Z. Espaço e Religião: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

ROSENDAHL, Z. Espaço, Política e Religião. In: CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z (orgs). Religião, Identidade e Território. Rio de Janeiro. EdUERJ ,2001.

ROSENDAHL, Z. O sagrado e o espaço. In: CASTRO, I. E; CORRÊA, R.L;

ROSENDAHL, Z (orgs). Explorações geográficas. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1997.

ROSENDAHL, Z. Território e Territorialidades: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z (orgs). Geografia: temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2005.

SANTOS, R. J. Gaúchos e Mineiros do Cerrado: metamorfoses das diferentes temporalidades e lógicas sociais. Uberlândia: EDUFU, 2008, 249p.

SILVA, M.A.V.; D'ABADIA, M. I. V. A Geografia e o Sagrado: Festa de Nossa Senhora do Rosário em Goiás. Ateliê Geográfico. Goiânia-GO, v. 8, n. 3, p.198-214, dez/2014. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/276846322_A_GEOGRAFIA_E_O_SAGRADO_DO_FESTA_DE_NOSSA_SENHORA_DO_ROSARIO_EM_GOIAS Acessado em 18/04/2017.

SIQUEIRA, T. T. Do tempo da sussa ao tempo do forró: Música, festa e memória entre os Kalunga de Teresina de Goiás. 135 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, UNB, Brasília, 2006. Disponível em

<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3496/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20de%20Tha%C3%ADs%20Teixeira%20de%20Siqueira.pdf>, Acessado 31/03/2017.

SPENCER, W. B. O Espaço, o Sagrado e o Mundo Moderno, 2003, Natal/RN. Disponível em:

<http://www.natalpress.com/index.php?Fa=aut.inf_mat&MAT_ID=298&AUT_ID=37> Acessado em: 10/04/2017.

XAVIER, C. V. e MAIA, C. E. S. A diversidade dos carnavais no Brasil: sobre fantasias e abadás. In: ArtCultura, Uberlândia, v. 11, n. 19, p. 211-224, jul.-dez. 2009. Disponível em

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/11284/7116>>, Acessado em 18/04/2017.

ZITZKE, V. A. Espaço Sagrado e lugar em Monte do Carmo Tocantins: Laboratório de Ensino de Geografia do Sagrado. IX Seminário Internacional de Educação Superior. Universidade Federal de Pelotas, RS, 2018.